

# ENTREVISTANDO ARBUÉS MOREIRA

SECRETÁRIO DA A. C. P.

A recente formação do Sindicato dos profissionais da cinematografia — a A. C. P. — e a agitação que se tem observado em torno dos problemas existentes por resolver dentro do campo cinematográfico em Portugal, levaram-nos a procurar o secretário da direcção d'aquela agremiação para dele colhermos opiniões que pudessem interessar e esclarecer os nossos leitores. Carlos de Arbués Moreira faz parte dessa pleiade de gente mûça que pensou levar a cabo a difícil tarefa da implantação da industria do filme entre nós e que pela propaganda intensa na pequena imprensa da especialidade conseguiu criar o ambiente que tornou possível qualquer profecção do estado e da finança para a introdução dessa fonte de riqueza. Arbués Moreira, não se furtou á entrevista :

— Sinto imenso prazer em dar á *de Cinema* todos os esclarecimentos sobre a Associação que embora recém-nascida tão caluniada tem sido, até por parte d'alguns *soi disant* cinéfilos. Poderá não ser uma agremiação perfeita, poderá não ser ainda uma força que se imponha mas é pelo menos uma bela tentativa de reunião de vontades que só por si representa o resultado de grandes esforços reunidos.

Que poderei dizer sobre Carlos de Arbués — artista de cinema ?

— Por Deus ! entreviste o meu amigo o secretário da A. C. P., mas não tente entrevista com o artista de cinema . . .

— Mas, como informação sobre a pessoa do secretario da direcção. Bem vê, os nossos leitores . . .

— Pois bem. Aos seus leitores dirá que, como profissional da Arte do Silencio, interpretei apenas o *Diabo em Lisboa* sob a direcção de Rino Lupo. Anteriormente tive vários convites que não chegaram a ter efectivação.

— De quem ?

— De D. Virginia de Castro e Almeida, para um personagem simbólico e episódico nos «Olhos da Alma», que resolveram coitar ; e para o protagonista do «Mistério das Lezírias» com Maria Emilia Castelo Branco e sob a direcção de Reinaldo Ferreira e João de Sousa Fonseca, filme que não chegou a realizar-se.

— A proposito de João de Sousa Fonseca, leu a carta dêsse senhôr na «Imagem» ?

— Li, tendo mesmo pensado em me dirigir á «Imagem» para esclarecer alguns pontos dessa carta que não correspondem inteiramente á verdade. «Assim não é certo que o sr. Fonseca tivesse dirigido carta alguma á direcção da A. C. P. Simplesmente escreveu particularmente ao seu amigo Amilcar de Sousa, nosso tesoureiro, que creio lhe respondeu como devia. Amilcar de Sousa, em reunião da Direcção certamente impeliu pelas interpelações que lhe fizera Fonseca, levantou a questão da «Brigada Cine Portuguesa» que nos mereceu especial atenção e estudo, tendo tomado as resoluções que o caso aconselhava encarado devida e criteriosamente. Não demos dessas resoluções, parte oficial ao sr. Fonseca visto dele não termos recebido interpelação alguma. Quanto ao profissionalismo cinematográfico dos componentes da Associação sabe bem o autôr da carta á «Imagem» que no estado atual da industria do filme em Portugal, é impossível viver-se do seu profissionalismo. O proprio sr. Fonseca que, parece, condicionava a

sua aceitação do cargo para que foi eleito, ao facto de todos os componentes da A. C. P. serem exclusivamente profissionais do cine, vive não dessa industria mas á margem dela como a nós sucede. Não se julgue que constituímos um *coio de vâdios* e inuteis. Eu, por exemplo, vivo do teatro.

— Que pensa da crise teatral como consequencia do desenvolvimento do gosto pelo cinêma ?

— Esse fenómeno que se observa em toda a Europa faz-se sentir demasiadamente entre nós por falta de condições de defesa tanto artisticas como financeiras. Os empregarios que pretendem vencer vêm-se obrigados a procurar atractivos estrangeiros para intercalar nos seus espectaculos ou apresentar em «fim de festa», o que vem aumentar a saída de ouro já elevada pela aquisição de filmes.

— Qual lhe parece a melhor solução para o problema ?

— Sob o ponto de vista nacional torna-se necessário que por leis de protecção á industria portugueza se possa restringir a saída do ouro, restrição que com o desenvolvimento da nossa cinematografia poderia chegar em pouco tempo á sua anulação pela permuta. O teatro, só tem a lucrar em qualidade artistica com a redução do numero de casas de spectaculo exploradôras dêsse genero. Para essas chegaria o publico.

— E os artistas dramaticos que não tivessem logar nessas companhias ?

— Para êsses torna-se mais difícil arranjar solução.

— O desenvolvimento da nossa indústria de filmes não lhes interessaria ?

— A bem poucos poderia interessar. Está provada a quasi inadaptabilidade ao estudio dos artistas do palco. No entanto . . .

— Qual o programa da Direcção da A. C. P. ?

— Temos a desempenhar a difícil tarefa duma organização em bases sólidas. O nosso movimento tem interessado todo o Paiz. Inúmeros cinêmas da provincia nos têm dado a sua adesão e os seus proprietários têm-se inscrito como sócios auxiliares.

— Que vantagens lhes concede a A. C. P. ?

— Pugnando nós pela cinematografia portugueza não nos podem ser indiferentes as casas de spectaculo da provincia e assim zelaremos os seus interesses. Eles serão mais tarde os canais que levarão os filmes portuguezes ao povo de todo o Portugal. E' mister olha-los com carinho.

— Quais, duma forma geral, as vantagens dos sócios auxiliares ?

— Em troca do auxilio que prestam á nossa causa facultar-lhes hêmos em breve o ingresso em quasi todos os cinêmas da Capital, Porto e provincias com apreciaveis reduções de preços dos logares. Estamos tratando dêsse caso com resultados satisfatórios.

Um colega da Direcção veio interromper a nossa conversa. Trocam impressões sobre qualquer assunto pendente e nós deixámos Arbués Moreira entregue ao seu trabalho, do qual esperamos resulte uma obra benéfica. Assim no-lo promete o nosso entrevistado dizendo para terminar :

— Dada a competencia e boa vontade que tenho observado nos meus colegas, julgo que alguma coisa se aproveitará do nosso esforço em pról da Arte a que nos dedicamos.

Eis, leitores, a vossa curiosidade satisfeita acerca da A. C. P. e do mais que se disse.

**JUDITH SILVA**

PARTEIRA  
DIPLOMADA

Rua Conde Redondo, 22 (cave) — Carro á porta

Consultas sobre a falta de menstruação. Remedio infalivel. Máximo sigilo. Recebe clientes em casa. Chamadas para partos a qualquer hora. Analyse de urinas ; tratamentos uterinos.

Consultas das 9 ás 9 da noite

TELEFONE N. —



**AUTOMOBILISTA L.ª DA**

Rua Alves Correia, 160 — LISBOA

A mais antiga casa especializada

EM

**ACESSORIOS PARA AUTOMOVEIS**

Execução rapida de todos os pedidos

**PREÇOS VANTAJOSOS**

Telegr. AUTOMOBILISTA

Telef. N. 4218